

CHOICE BOX, UMA TECNOLOGIA PRIMÁRIA PARA AJUDAR A INQUIRIR

João Freire

- 1 A *choice box* (caixa de escolhas) é um dispositivo técnico simples, artesanal, que pode auxiliar e melhorar a qualidade de um processo de investigação sociológica que utilize o questionário por administração presencial, em situação de entrevista.
- 2 Este é um dispositivo material adequado a permitir uma boa qualidade de resposta a perguntas que devam ser respondidas sob a forma de uma escolha, entre cinco alternativas, no âmbito de uma distribuição de preferências; ou, dito de outra maneira: uma distribuição directa de um conjunto de *unidades de preferência* (perfazendo 100%) por um outro conjunto, limitado, de *alternativas de escolha*. O processo pode também ser descrito, em termos matemáticos, como uma “escolha distributiva” ou percentual.
- 3 Metodologicamente, este é um tipo de formulação de pergunta nos questionários sociológicos que parece ser bastante raro, talvez até pela dificuldade da sua operacionalização material. Com efeito, não se trata de uma pergunta “aberta”, nem de uma pergunta “fechada” em que o respondente escolhe uma das respostas alternativas propostas, com exclusão das restantes. Também se não trata de uma pergunta com “respostas múltiplas” (duas, três...) a escolher de entre um leque mais alargado, nem de um exercício de “hierarquização ordinal” de várias escolhas (duas, três...), numa bateria ampla de alternativas. Podemos pois talvez designar este método de resposta como “escolha múltipla distributiva”, definindo-o como aquele em que o sujeito “arbitra a distribuição ou incidência relativa de um atributo, dentro de um campo limitado de alternativas”.
- 4 A *choice box* consiste numa caixa de madeira (ou outro material), de dimensões horizontais equivalentes ao formato normalizado de papel A4 (21 x 29,7 cm), com tampa de abrir por dobradiças, sugerindo o aspecto de um moderno computador portátil (ver foto 1). Na superfície útil da caixa existem um cerco número de buracos — em princípio, cinco — de 3 cm a 4 cm de diâmetro e de pequena profundidade (cerca de 1 cm). Sobre essa superfície assentará uma folha de papel ou cartolina, com as legendas apropriadas que identificarão cada buraco. Na face útil da tampa da caixa, aberta, apor-se-á também uma folha de papel ou cartolina igualmente com legendas que correspondem às anteriores, mas mais desenvolvidas, e setas que remetem para cada um dos buracos da caixa. O objectivo é que cada buraco esteja clara e devidamente identificado.

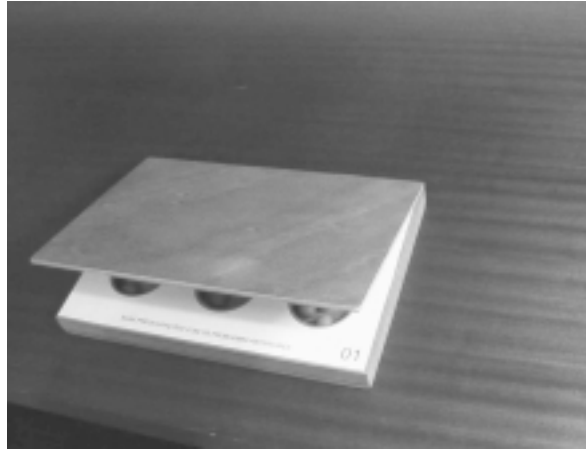


Foto 1

- 5 A materialização das *unidades de preferência* é feita sob a forma de fichas redondas simples, de plástico, do tipo das que se usam em diversos jogos de mesa juvenis, ou outro material sem valor, como pedrinhas, grãos, etc. (ver foto 2). Em princípio, recomenda-se o uso de 10 fichas, correspondendo então a cada uma o valor numérico de 10%. Neste caso, estamos perante o conjunto de *unidades de preferência* que julgamos mais adequado, porque ele permite visualizar e racionalizar a distribuição das fichas de forma mais eficaz e, por outro lado, permite geralmente uma medida suficientemente discriminada das “escolhas distributivas” do sujeito (em valores numéricos múltiplos de 10%).



Foto 2

- 6 No entanto, existe também a alternativa de se usarem 20 fichas, correspondendo a cada uma o valor numérico de 5%. Neste último caso a “escolha distributiva” torna-se mais fina e rigorosa, mas também mentalmente mais exigente para o inquirido. Para uma pessoa comum — aquela que deve ser considerada para estes efeitos — 20 fichas será já um número porventura excessivo de *unidades de preferência*, com tendência a incentivá-la para uma avaliação mais “volumétrica” de diversos “montinhos de fichas”, do que para uma ponderação mais aritmética das suas escolhas e preferências.
- 7 As *alternativas de escolha* são materializadas na *choice box* pelos já referidos buracos. Cada uma delas corresponde naturalmente a uma das respostas alternativas (de conteúdo, que não de escolha) à pergunta formulada, na modalidade técnica da “resposta fechada”. Por isso, os buracos terão de estar claramente identificados com os textos das respostas e a formulação completa da pergunta vir impressa no alto da folha que se apõe na tampa da *choice box* (ver foto 3). No entanto, para cumprir um bom procedimento de entrevista, o inquiridor deverá inicialmente ler o conteúdo da pergunta e das respostas, que o entrevistado acompanhará já com a *choice box* na sua frente.



Foto 3

- 8 A *choice box* está primariamente concebida para oferecer cinco *alternativas de escolha* à pergunta colocada. Por isso, existem cinco buracos na caixa. Esta solução permite condições ótimas de decisão do inquirido, já que, numa primeira hipótese avaliativa de “não preferência”, isto é, de distribuição equitativa, o inquirido colocaria duas fichas (ou seja, $2 \times 10\% = 20\%$) em cada um dos buracos. Tal situação é muito favorável a um posterior sopesamento das virtudes e defeitos das várias alternativas entre si, com a correspondente deslocção de fichas, até o inquirido julgar satisfatória — ou mesmo plenamente correspondente à sua opinião — a distribuição encontrada. Materialmente, os buracos devem ter a largura e a profundidade suficientes para que estas



Foto 4

transferências de fichas de uns buracos para outros, com as pontas dos dedos, sejam fáceis de realizar (ver foto 4).

- 9 Há, porém, a possibilidade técnica de se utilizar a *choice box* para perguntas com quatro ou mesmo três *alternativas de escolha*. Para esse efeito, basta que o papel (preferivelmente cartolina) com a identificação das respostas tenha apenas quatro ou três buracos, respectivamente, ficando os outros obstruídos e sem qualquer identificação — invisíveis, portanto. (Naturalmente, é possível construir caixas para maiores números de alternativas de resposta, mas sempre menos eficazes quanto à facilidade e racionalidade das escolhas.)
- 10 Em qualquer destas variações das *alternativas de escolha* propostas ao respondente, a relação entre o número de buracos e o número de fichas permitirá sempre uma visualização estimulante das distribuições das suas *unidades de preferência* e, portanto, facilitadora de uma decisão racionalizada.
- 11 No que respeita a vantagens do emprego da *choice box*, pode argumentar-se com a “reflexão experimentaliva” que é incentivada por este dispositivo, e com a facilitação derivada da “visualização” do processo lógico de escolha do inquirido.
- 12 A redução da “finura” das *unidades de preferência* (para 5% ou mesmo 10%) em relação àquilo que poderia obter-se com uma forma de pergunta mais tradicional (aritmética, a inscrever num papel), parece ser largamente aceitável para a generalidade das perguntas que podem ser formuladas em inquéritos a pessoas comuns escolhidas aleatoriamente.
- 13 Porém, é também indubitável que a compreensão do próprio processo de “escolha distributiva” e da operação material deste dispositivo técnico exige alguma capacidade intelectual e cultural por parte do respondente. Por isso, a utilização da *choice box* estará sobretudo indicada para populações-alvo dos inquéritos já com um certo grau de escolaridade.

- 14 A homologia ou conotação emocional do uso da *choice box* com uma situação de “jogo” (lúdica-racional) é vista como positiva (em especial para populações mais jovens), sobretudo se uma pergunta deste tipo for formulada logo no início da entrevista, melhorando a disposição psicológica do inquirido para responder e a qualidade da sua relação com o inquiridor, e permitindo também uma resposta mais atenta e estimulada às outras perguntas (formuladas de forma tradicional) do questionário.
- 15 A forma material da *choice box* inspirou-se num jogo popular cabo-verdiano de nome “uril”. É evidente que o mesmo princípio deste tipo de resposta de “escolha múltipla distributiva” poderia ser materializado sob uma forma tecnológica avançada (uma caixa de computação electrónica apropriada). A opção pela sua construção artesanal foi deliberada, para mostrar que se pode, por vezes, utilizar processos lógicos sofisticados com materiais e dispositivos elementares, amigáveis e mais estimuladores de outras sensibilidades e dimensões humanas.
- 16 As vantagens apontadas ao “modelo óptimo” de aplicação da *choice box* — cinco buracos para dez fichas — podem sugerir mesmo a consideração da adopção, na fase de elaboração do questionário, de perguntas deste “modelo” em questões para as quais, à partida, não se previssem cinco respostas alternativas.
- 17 No que toca ao uso operativo da *choice box*, exigem-se algumas condições e cumprimento de preceitos práticos. Em primeiro lugar, que a entrevista seja feita em local recatado, propiciador de concentração mental do entrevistado, com este e o inquiridor sentados a uma mesa, face a face ou (preferivelmente) lado a lado. O inquiridor deverá proceder da seguinte forma, nas perguntas que estiveram organizadas para a utilização deste dispositivo:
 - a) na primeira vez em que ocorra esta utilização, explicar ao respondente os objectivos (fichas que no total representam 100%, buracos das várias respostas, etc.) e forma de agir (experimental) próprios deste tipo de pergunta-resposta;
 - b) entregar a *choice box* ao respondente, com as folhas (da caixa e da tampa) correspondentes à pergunta (n.º) devidamente colocadas;
 - c) ler a pergunta e, sucessivamente, as respostas alternativas propostas, assegurando-se que o inquirido vai seguindo essa leitura na *choice box*;
 - d) entregar as fichas ao inquirido, voltando a lembrar o princípio da sua utilização;
 - e) dar o tempo suficiente (cerca de 1 minuto, caso a questão e as respostas não sejam muito complexas) para o respondente raciocinar, ensaiar e, finalmente, decidir-se sobre a distribuição das fichas que lhe pareça mais satisfatória;
 - f) “ler” a distribuição das fichas e registá-la, do mesmo modo que regista as outras respostas ao questionário (em papel ou máquina automática portátil);
 - g) retirar as fichas e as folhas da *choice box* e prosseguir o questionário.

- 18 Eis um exemplo de aplicação do que se acaba de expor. Pretende-se medir o peso relativo de cada uma das “esferas de implicação pessoal” em que o inquirido está, em princípio, envolvido, para posteriormente relativizarmos o alcance das suas opiniões, solicitadas em outras partes do inquérito. A questão poderia ser formulada assim:

PERGUNTA:

Qual o **seu grau de preocupação** com os seguintes **problemas**?

RESPOSTAS:

(Distribua as 10 fichas pelos buracos, segundo a importância que atribui a cada uma destas alternativas)

- os seus problemas íntimos, **pessoais e familiares** (de saúde, sobrevivência económica, casa, automóvel, consumo, felicidade pessoal, amigos e divertimento, etc.)
 - os problemas que vive na sua **ocupação profissional** (desempenho, remuneração, segurança do emprego, crescimento empresarial, etc.)
 - os problemas do **grupo social com que se sente identificado** (igreja, partido, colegas, vizinhos, praticantes de actividade recreativa, associação a que esteja ligado, etc.)
 - os problemas colectivos do **nosso país** (bom governo, dificuldades das finanças públicas, trabalho, distribuição da riqueza, justiça, prestígio internacional, auto-estima nacional, etc.)
 - os problemas que são de **todo o mundo** (desigualdade com fome em muitos países, catástrofes naturais, guerras, “globalização”, poluições, epidemias, etc.)
- 19 A leitura que se pode fazer dos resultados da aplicação de uma pergunta deste tipo em questionários sociológicos não levanta qualquer tipo de problemas especiais. Mesmo a hipótese de uma situação de “Não sabe/ Não responde” por parte do inquirido deve ser registada de maneira normal, talvez apenas com a interpretação de que possa eventualmente também significar a incapacidade mental ou cultural do entrevistado em entender esta forma de responder. Já quanto à análise dos resultados em termos de estatística descritiva, nenhuma dificuldade se colocará: o registo das respostas numa base de dados apenas implicará o preenchimento simultâneo e obrigatório dos campos correspondentes às várias alternativas de resposta (eventualmente controlável automaticamente pelo próprio programa informático); as medidas de tendência central e de dispersão destas respostas serão apuráveis normalmente, desde o caso singular de um único respondente até ao conjunto de toda a

- população inquirida; e não se vislumbram dificuldades insuperáveis para o emprego de técnicas de análise estatística mais avançadas.
- 20 O autor agradece desde já as críticas e sugestões de colegas para melhorar a qualidade e eficácia deste dispositivo técnico, e espera também que ele possa estimular a procura de outros meios inovadores para a investigação empírica em sociologia.

João Freire. Professor catedrático aposentado de sociologia do ISCTE.
E-mail: joao.freire@iscte.pt